



A centralidade da Palavra de Deus em Lucas 5,1-11

The centrality of the Word of God in Luke 5,1-11

Ildo Perondi*

Fabrizio Zandonadi Catenassi**

Gisele Soares Silva***

Resumo

Pouca atenção foi dada pelos estudiosos para a função da Palavra de Deus no relato da pesca milagrosa em Lucas, tanto em nível literário, quanto teológico. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi analisar a perícopes de *Lucas* 5,1-11, com enfoque na Palavra de Deus, proclamada em Jesus e por ele. A metodologia utilizada foi a análise e interpretação de textos, privilegiando o método histórico-crítico e os seus elementos essenciais, além do uso de outros métodos, baseados na ciência da linguagem. Pode-se dizer que a Palavra de Deus ocupa um lugar central na trama, dando cadência ao relato e elucidando o sentido teológico que o evangelista Lucas pretende imprimir, o que fica evidente pelas alterações feitas pelo autor no relato original. Na perícopes da pesca milagrosa, a Palavra é proclamada por Jesus em caráter performativo, faz o milagre acontecer, conduz Pedro à conversão e dá a ele uma nova missão. Na teologia de Lucas ouvimos o eco das comunidades primitivas, nascidas ao redor da Palavra do Senhor.

Palavras-chave: Lucas. Pesca. Milagre. Pedro. Palavra.

Abstract

The scholars haven't given too much attention to the function of the Word of God in the report of the miraculous catch of fish in Luke, at the literary and theological level. Thus, the objective of this paper was to analyze the pericope of Luke 5:1-11, with emphasis on the Word of God proclaimed in Jesus and through Him. The methodology used was the analysis and interpretation of texts, focusing on the historical-critical method and its essential elements, besides the use of other methods, based on the science of language. It's possible to say that the Word of God occupies a central place in the plot, giving cadence to the report and elucidating the theological sense that Luke wanted to print, which is evidenced by the changes he has made in the original report. In the pericope of the miraculous catch of fish, the Word is proclaimed by Jesus in a performative way; it makes the miracle happen, leads Peter to conversion and gives him a new mission. In Luke's theology, one hears the echo of primitive communities, born around the word of the Lord.

Key-words: Luke. Fishing. Miracle. Peter. Word

Artigo recebido em 24 de março de 2013 e aprovado em 22 de abril de 2013.

* Doutorando em Teologia, mestre em Teologia Bíblica (PUU, 2002). Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. País de origem: Brasil. E-mail: ildo.perondi@pucpr.br

** Mestrando (PUC-PR). País de origem: Brasil. E-mail: fabriziocatenassi@gmail.com

*** Especialização (PUC-PR). País de origem: Brasil. E-mail: i_gss@yahoo.com.br

Introdução

A perícopre do evangelho de Lucas 5,1-11, bastante utilizada pastoralmente, relata uma pesca milagrosa em um contexto de chamado dos discípulos. Milagres como esse eram narrados na Igreja primitiva para esclarecer o ensinamento e a obra de Jesus (STUHLMUELLER, 1975, p. 45). Lucas agrupou nessa narrativa uma descrição de lugar e uma pregação de Jesus, que lembram Marcos 1,16-19 e 4,1-2, além da história da pesca milagrosa, que se assemelha a João 21,4-11 e do chamado de Simão em Marcos 1,17-20.

O Evangelho de Marcos situa o chamado dos primeiros discípulos logo no início do ministério público de Jesus. Lucas o ambienta depois que sua fama já se havia espalhado por toda a região (Lucas 4,14), tornando-o mais compreensível: primeiro, Simão escuta a Palavra de Jesus dirigida ao povo, em seguida, presencia a pesca milagrosa e, somente após essa dupla experiência, escuta o chamado de Jesus em esfera pessoal.

A história ocupa, portanto, diferentes funções para os evangelistas, sendo que Lucas reelabora esse texto em sua forma mais primitiva, talvez acrescentando relatos de uma fonte própria. Destaca-se no relato lucano a confissão “porque mandas, lançarei as redes”¹ (v. 5b). Aqui, há uma valorização tanto da Palavra de Jesus, carregada de autoridade divina, quanto da atitude de escuta de Pedro.

A exegese moderna deu muita atenção aos objetivos eclesiais do texto, o primado de Pedro e a vocação missionária dos discípulos, que se dá em um chamado misericordioso de Cristo. De maneira distinta, o objetivo deste artigo é analisar a perícopre de Lucas 5,1-11, com enfoque na Palavra de Deus, proclamada em Jesus e por ele, a partir da identificação do material inédito de Lucas e das

¹ Todas as citações bíblicas textuais são retiradas da Bíblia de Jerusalém (2006). As citações de capítulos e versículos sem a indicação do livro bíblico correspondente referem-se ao Evangelho de Lucas.

intenções teológicas do autor, para compreender se há, de fato, uma centralidade da Palavra no relato.

Metodologicamente, foram aplicadas a análise e a interpretação de textos, privilegiando o método histórico-crítico e os seus elementos essenciais, além do uso de outros métodos, baseados na ciência da linguagem (BERGER, 1998, p. 25). A partir de elementos da análise narrativa, pretendeu-se estudar a forma com que foi estruturada a perícopes, segundo o modelo clássico das literaturas antigas para descrever uma transformação de uma realidade vital.

1 Contexto literário: os sinais e a Palavra

A partir do capítulo 3, Lucas começa a apresentar a preparação do ministério de Jesus, que se inicia após a tentação no deserto na Galileia (4,14). Em primeiro lugar, há a apresentação da sua ação em Nazaré (4,14-30). Lucas preocupa-se, inicialmente, em identificar Jesus com o Messias, ainda antes de narrar detalhadamente sua ação salvadora.

A pregação de Jesus na sinagoga de Nazaré explica sua natureza e seu projeto: Jesus escolhe a leitura de Isaías (Isaías 61,1-2), com forte apelo messiânico e termina dizendo que “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (4,21).

Então, desloca-se a Cafarnaum, onde começa a ensinar aos sábados e ali realiza grandes milagres (4,31-44): a cura de um endemoninhado (4,31-37), da sogra de Simão (4,38-39) e ainda curas diversas (4,40-41). O chamado dos primeiros discípulos em Lucas acontece exatamente depois da dupla apresentação do Messias: já é possível identificar que Jesus é o Ungido por meio de suas palavras e sinais.

Nesta ação taumaturga de Jesus, merece destaque a forma com que as curas que preparam o relato da pesca milagrosa são realizadas: uma ordem de Jesus expulsa o demônio em Cafarnaum (4,35) e a febre da sogra de Pedro é curada por uma conjuração de Jesus (4,39). Nos dois casos, o instrumento de cura é a Palavra proferida por Jesus. Lucas ainda faz uma alteração no relato primário da sogra de Pedro: Marcos indica que Jesus a tocou (1,31) e Mateus (8,15) completa dizendo que “tocou-lhe a mão”, detalhe intencionalmente omitido por Lucas, dizendo que Ele “conjurou severamente, e esta a deixou” (4,39). Ainda que haja a menção da imposição das mãos em 4,40, a fala de Jesus é cheia de autoridade, capaz de proibir os demônios de falarem.

Há também outra característica importante, à medida que analisamos o deslocamento espacial de Jesus e a topografia apresentada a partir de 4,14. O grande grupo de escritos que mostra Jesus na Galileia termina de maneira curiosa: Jesus parte secretamente de Cafarnaum e percorre a Judéia: “E pregava pelas sinagogas da Judéia” (4,44). As atividades desta missão não são narradas por Lucas. No entanto, essa informação somada à longa e importante viagem de Jesus a Jerusalém, que se inicia em 9,51 quer mostrar que Ele não está preso em um único lugar ou a um grupo específico e absoluto de seguidores, mas que sua missão tem um sentido mais amplo. Implicitamente, está oferecendo a salvação a toda nação. Assim esclarece o próprio Jesus: “Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado” (4,43). “A palavra de Deus, que lhe foi confiada, O impele para longe. Não são vantagens pessoais, não são as grandes multidões que decidem acerca da sua vida, e sim a palavra (mensagem). Em última análise, Deus” (STÖGER, 1984, p. 155).

Mazzarolo afirma que o chamado dos discípulos está inserido no contexto do reconhecimento da missão de Jesus. O autor defende que esta é a segunda confissão de Jesus como Messias. A primeira é feita pelos demônios que são expulsos das pessoas que sofriam males (4,41), a segunda por Pedro, na ocasião de seu chamado (5,8) e a terceira, pelo leproso curado (5,12) (MAZZAROLO, 2004, p. 91).

Em Nazaré o rejeitam, em Cafarnaum querem retê-lo e, então, ele segue para a Judéia. A missão de Jesus vai ganhando contorno: ele é o pregador itinerante que leva a Palavra às multidões. Entretanto, do meio da multidão escolhe alguns para que participem de sua missão, chamando os três primeiros discípulos (5,1-11), Levi (5,27-32), e outros, enquanto estava no monte (6,12).

Os textos que sucedem 5,1-11 são bastante ilustrativos. Jesus promete a Pedro que será “pescador de homens” (5,10). Diante disto, de modo bastante pedagógico, Lucas insere três narrativas, identificando o próprio Jesus como o primeiro grande pescador. “As três narrativas que se seguem a esta mostram Jesus ‘pescando homens’ e envolvendo-se com os renegados e pescadores” (KODELL, 2001, p. 81). Assim, segue a cura de um leproso (5,12-14), seguida de uma explicação do autor, dizendo que a notícia sobre Jesus se difundia cada vez mais e multidões vinham até ele para serem curadas (5,15); um paralítico é baixado através do teto de uma casa que estava cheia de pessoas de todos os povoados da Judéia e Jerusalém para serem tocadas por Jesus (5,17; 5,17-25) e é curado por Jesus, o que faz com que todos se apoderem de espanto e glorifiquem a Deus (5,26); finalmente, convoca um homem diretamente para segui-lo, Levi é “pescado” por Jesus (5,27-29).

2 Análise de Lc 5,1-11

2.1 Delimitação e estrutura

A passagem é iniciada com a expressão “*egeneto de*”, muito familiar a Lucas. Ele a utiliza 27 vezes no Evangelho e 45 em Atos dos Apóstolos, comparado a três ocorrências em Mateus e duas em João. Muitas vezes, assume no texto uma função narrativa: indica uma divisão do texto em uma época em se escrevia com uma ínfima pontuação, ajudando o leitor a entender um corte no texto (BOVON, 1995,

p. 328)². Assim, este é o início de um novo episódio que começa com uma notícia sobre o êxito de Jesus, o qual Lucas já sublinhou anteriormente (4,14-15.22.32.37).

O versículo final (v. 11) apresenta a reação dos discípulos ao chamado de Jesus: “Então, reconduzindo os barcos à terra e deixando tudo, eles o seguiram”. O v. 12 apresenta uma mudança de personagens e de lugar: Jesus está em uma cidade, não mais à beira do lago e um leproso entra em cena, identificando o início de um novo relato.

Theissen (2002 apud WEGNER, 2009, p. 191) classifica a pesca milagrosa de Lucas como um relato característico de milagres, no grupo que nomeia “milagres de dádivas”, junto às narrativas da multiplicação dos pães (Mateus 14,13-21; 15,32-39; Marcos 6,32-44; 8,1-10; Lucas 9,10-17) e das bodas de Caná (João 2,1-11). Fitzmyer diz que a perícopes é um claro exemplo de uma transformação de metáfora em um verdadeiro relato de milagre, portanto, a partir da história das formas e do contexto literário, enquadra-se como uma “declaração” de Jesus (FITZMYER, 1987, p. 483), o que parece uma leitura bastante razoável.

Seguindo a estrutura típica dos milagres apresentada por Wegner (2009, p. 191), a perícopes pode ser assim apresentada:

- vv. 1-3: *introdução*, inserindo na cena Jesus e os outros personagens (a multidão, os pescadores, Pedro).
- vv. 4-5 *exposição*, na qual explicita-se a noite de trabalho infrutífera e Jesus propõe a ação de voltar ao mar, preparando para o desfecho miraculoso.
- vv. 6-10a *centro*, acontece a pesca milagrosa e a constatação do milagre pelos pescadores, Pedro e seus companheiros.
- vv. 10b-11 *final*, com exortação e promessa de Jesus e reação dos personagens.

² Bovon (1995, p. 328) afirma também que a construção com um indicativo segue a sintaxe do grego, sendo uma adaptação sintática com fins teológicos: indica que seus relatos devem ser lidos no plano religioso.

2.2 Unidade e composição

O chamado dos discípulos em Lucas não é uma reestruturação simples de Marcos 1,16-20. Trata-se de uma narrativa estruturada por um trabalho de redação mais criativo que as perícopes anteriores e posteriores, combinando elementos de tradições distintas. Para Bovon (1995, p. 328), os paralelos com Marcos e Lucas também fazem com que se descarte a teoria de que esse conjunto seria procedente do material próprio de Lucas, o que só seria viável para o milagre em si ou para a promessa (4,9-10b), ainda que estes versículos possam ter vindo de uma tradição ainda flutuante na época.

Provavelmente, são utilizados os relatos de Marcos 2,13 e 4,1-2 para construir o cenário da perícopa da pesca milagrosa (quadro 1), revelando a habilidade artística do autor. Contudo, Lucas faz mudanças significativas tanto no cenário quanto no desenvolvimento do relato. No contexto próximo, tomou como base o texto de Marcos tanto para o texto antecedente, a cura de um endemoninhado e fuga para a Judéia (Lucas 4,40-44; Marcos 1,21-39) quanto para a perícopa seguinte, a cura de um leproso (Lucas 5,12-15; Marcos 1,40-45). Isto indica uma mudança com caráter teológico: em Marcos, o chamado dos discípulos antecede todos os relatos de milagres. Para Lucas, o que fundamenta o ministério apostólico é ter caminhado com Jesus desde o princípio e, assim, ter a capacidade para reconhecê-lo como o Messias através de suas palavras e obras (BOVON, 1995, p. 326-327).

Quadro 1 – Relações entre o cenário proposto por Lucas e o Evangelho de Marcos.

Cenário estruturado por Lucas	Passagens relacionadas em Marcos
“Certa vez em que a multidão se comprimia ao redor dele para ouvir a palavra de Deus, à margem do lago de Genesaré, viu dois pequenos barcos parados à margem do lago; os pescadores haviam desembarcado e lavavam as redes. Subindo num dos barcos, o de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; depois, sentando-se ensinava do barco às multidões” (5,1-3).	“E tornou a sair para beira mar, e toda a multidão ia até ele; e ele os ensinava” (2,13). “E começou de novo a ensinar junto ao mar. Veio até ele multidão muito numerosa, de modo que ele subiu e sentou-se num barco que estava no mar. E todo o povo estava na terra, junto ao mar” (4,1-2).

Há algumas diferenças mais visíveis. Em Marcos, há dois pares de irmãos. Em Lucas, o foco está em Simão e seus companheiros (André nem é mencionado pelo nome); Lucas chama Genesaré de lago, enquanto que os outros chamam de mar; Lucas modificou a expressão de Marcos 1,17b, substituindo-a por um vocábulo grego que ele retomou da tradução grega do Antigo Testamento, que significa “pegar vivos ou para a vida”, dando a entender que Pedro terá a tarefa de “capturar” os homens para a vida (FABRIS, 1992, p. 63).

A promessa feita por Jesus a Pedro, “Doravante, serás pescador de homens” (*apo toû nûn antrópous ései zogrôn*, v. 10) também indica que Lucas utiliza alguns materiais procedentes de Marcos 1,16-20.

Por fim, Bovon (1995, p. 327) afirma que a opção de Lucas por inserir o texto em uma cena de vocação e João em uma aparição do ressuscitado (João 21,1-11), mais afastado da tradição, não implica visões opostas; o que caracteriza o discípulo é tanto sua vocação quanto o estar presente às aparições de Jesus. Ambas estão ligadas pela comunidade primitiva a uma perspectiva eclesiológica, o que entrevê um relato primitivo formado por um milagre de Jesus e uma promessa a Simão. As aproximações entre o texto de Lucas e João são indicadas no quadro 2.

Quadro 2 – Aproximações entre a pesca milagrosa narrada por Lucas e por João.

	Texto de Lucas (5,1-11)	Texto de João (21,1-11)
<i>A primeira pesca infrutuosa</i>	“Simão respondeu: ‘Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar [...]’ (v. 5).	“Simão Pedro disse: ‘vou Pescar’. Eles lhe disseram: ‘vamos nós também contigo’. Saíram e subiram ao barco e, naquela noite, nada apanharam” (v. 4).
<i>A ordem de Jesus de tentar novamente</i>	“Quando acabou de falar, disse a Simão: ‘Faze-te ao largo; lançaí vossas redes para a pesca’” (v. 4).	“Disse-lhes: ‘Lançaí a rede à direita do barco e achareis’” (v. 4).
<i>A obediência dos pescadores</i>	“[...] mas porque mandas, lançaí as redes” (v. 5).	“Lançaíam, então”
<i>A pesca milagrosa</i>	“Fizeram isso e apanharam tamanha quantidade de peixes que suas redes se romperam” (v. 6).	“[...] e já não tinham força para puxá-la, por causa da quantidade de peixes” (v. 6).
<i>O espanto de todos</i>	“O espanto, com efeito, se apoderara dele e de todos os que estavam em sua companhia” (v. 9)	“Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: ‘Quem és tu?’, porque sabiam que era o Senhor” (v. 12)
<i>Gesto de fé de Simão, dizendo “Senhor”</i>	“À vista disso, Simão Pedro atirou-se aos pés de Jesus, dizendo: ‘Afasta-te de mim, Senhor, porque sou pecador’” (v. 8).	“Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que te amo” (v. 17).
<i>Conclusão com chamado/promessa</i>	“Jesus, porém, disse a Simão: ‘Não tenhas medo! Doravante serás pescador de homens’” (v. 10).	“Tendo falado assim, disse-lhe: ‘Segue-me’” (v. 19).

2.3 Notas críticas

A seguir, apresentamos algumas notas críticas sobre o relato, ampliando a compreensão do texto grego de Lucas 5,1-11, dos costumes da época de Jesus e das preferências estilísticas de Lucas, preparando a análise teológica que segue.

“Lago de Genesaré” (*límnen Gennesaret*, v. 1): no Antigo Testamento é chamado de Quinerete e João chama de Tiberíades, medindo aproximadamente 20 por 12 km (MORRIS, 2011, p. 107). Somente Lucas o chama de “lago”, enquanto que os outros evangelistas o identificam como “mar”. Além de representar uma tentativa de evitar os hebraísmos, Lucas sabe a diferença entre um lago e mar, assim como Flávio Josefo (PLUMMER, 1981, p. 142).

“E viu” (*kai eîden*, v. 2): é a forma de Lucas romper com a descrição do cenário montado e iniciar a ação, também usada no chamado dos discípulos por Marcos (Marcos 1,16.19). Parece ter também uma função teológica: tudo começa com o olhar de Jesus.

“Dois pequenos barcos” (*dúo ploîa*, v. 2): existiam outras barcas, mas a que Jesus sobe era a de Simão. A menção de que havia outras barcas parece intencional, identificando que “os três privilegiados no convívio com Jesus são por ele escolhidos e destacados no primeiro plano” (MAZZAROLO, 2004, p. 88). A pesca não era uma atividade comum no Antigo Testamento, os judeus também não mostram familiaridade com o mar na navegação, por exemplo. Porém, na região da Galileia, a atividade se desenvolveu muito ao redor do Lago de Genesaré, porque era contornado por colinas com várias aldeias e um sistema de estradas bastante capilarizado.

“Subindo num dos barcos, o de Simão” (*embas de eis hen tôn ploíon, ho ên Símonos*, v. 3): segundo Lucas, Jesus já o conhecia, uma vez que já havia curado sua sogra. Tinha sido hóspede de Pedro e agora pedia licença para usar sua barca para evangelizar. Jesus parece familiarizado com o grupo e eles o conhecem (4,38; João 1,35-42). Geralmente, lê-se este fato em caráter eclesiológico: “Desde os tempos primitivos, a Igreja se vê como ‘o barco de Pedro’, no qual a fé em Jesus é posta à prova (Marcos 4,35-41; Mateus 8,23-27)” (KODELL, 2001, p. 81). Entretanto, Lucas não faz nenhuma conexão direta da barca com a Igreja. As barcas, naquela época, assim como as redes, não eram baratas, além de ser cobrada uma taxa para ter o direito de pescar em determinada parte do lago. Os pescadores usualmente faziam pequenas cooperativas com 6 ou 7 pessoas para sustentarem sua atividade. A menção de que a barca pertencia a Simão o coloca em uma posição social de relativa evidência.

“Sentando-se” (*kathísas*, v. 3): Jesus senta-se, indicando que irá transmitir uma mensagem. Esta era a posição de quem está ensinando (Mateus 5,1-2), o que é

coerente tanto no sentido teológico, já que é uma posição típica do pregador judeu (FITZMYER, 1987, p. 491), quanto no sentido narrativo, uma vez que Jesus permanece na barca durante certo tempo. Historicamente, também parece que era uma prática útil para ajudar a espalhar a voz. Flávio Josefo, em sua *Autobiografia*, conta que pronunciou um discurso também em um barco, ainda que em contexto distinto (BOVON, 1995, p. 331).

“Faze-te ao largo” (*epanágage eis to báthos*, v. 4): Jesus dá a ordem a Simão, uma palavra de comando, que o destaca do grupo e dá a ele primazia sobre os demais. A pesca com redes era comum. Os hebreus estavam familiarizados com as redes de arrastão dos egípcios (Isaías 19,8; Habacuc 1,15-17; Mateus 13,47) (YOUNGBLOOD, 2004, p. 1211), ainda que o termo usado por Lucas seja um termo geral que designa as redes. As grandes tinham cerca de 10 metros de comprimento, que exigiam de 16 a 20 homens para puxá-las (MCKENZIE, 1994, p. 774). A ordem coloca Simão diante de uma prova de fé, uma vez que o horário de pescaria era à noite; em caso de fracasso, uma pesca diurna seria uma atividade inútil (KODELL, 2001, p. 81).

“Mestre” (*epistáta*, v. 5): aparece pela primeira vez no relato de Lucas, sendo uma palavra exclusiva do autor, não estando presente nos sinóticos³. Em Lucas, somente os discípulos atribuem o termo a Jesus.

“Simão Pedro” (*Símon Pétros*, v. 8): Simão é chamado Pedro pela primeira vez. Nos capítulos precedentes, era chamado somente de Simão. Posteriormente, a não ser quando cita outras pessoas, Lucas sempre o chama de Pedro.

“Senhor” (*Kýrie*, v. 8): Simão vê em Jesus uma manifestação epifânica de Deus. “Seus olhos se abrem por seu ato de fé e ele cai diante de Jesus. Pedro é a primeira pessoa na atividade pública de Jesus a chamá-lo de “Senhor” (não mais apenas “Mestre”, v. 5)” (KODELL, 2001, p. 81). O termo “Senhor” é típico de Lucas.

³ É usado com o mesmo significado em Lucas 8,24.45; 9,33.49; 17,13. Os outros Evangelhos utilizam o termo *rhabbí*.

Aqui, ele o prefere no lugar de *Mestre*, porque era mais comum e preferido pelos pagãos (STÖGER, 1984, p. 157). Embora seja um pronome de tratamento que indica respeito por alguém, *Kýrios* é consistentemente usado na LXX para referir-se a Deus e é comum em muitas religiões como um termo referente às divindades (MORRIS, 2011, p. 108).

Pedro, Tiago e João (v. 8.10): Eles podem representar a liderança do grupo dos Doze, mas é notável que três é um número simbólico da perfeição, indicando a suficiência de três líderes (MAZZAROLO, 2004, p. 91)⁴. Deve-se notar que a multidão não aparece mais a partir do v. 4, sendo apenas mencionado que “O espanto, com efeito, se apoderara dele e de todos os que estavam em sua companhia” (v. 9), não identificando mais a multidão como personagem.

“Não temas” (*me phoboú*, v. 10): Pedro temia a manifestação da glória de Jesus diante da teofania⁵, por isso, esta expressão de Jesus ressoa como em uma cena de revelação. Marcos a utiliza apenas uma vez (5,36), assim como João (12,15).

“Doravante” (*apo tou nûn*, v. 10): A expressão indica um novo tempo. Pode também ser traduzida como “a partir de agora”, indicando o ponto crucial da mudança, dando um novo sentido e horizonte à vida de Pedro. É interessante notar que a expressão *nûn* é utilizada por Lucas mais do que os outros sinóticos: Mateus 4 vezes; Marcos 2 vezes, enquanto que Lucas a emprega 14 vezes no seu Evangelho, além de outras 26 vezes nos Atos dos Apóstolos. Aqui também se apresenta uma mudança significativa no texto de Marcos: enquanto este apresenta a proposta de ser pescador de homens como consequência de aceitar seguir Jesus (“Vinde em meu seguimento e eu farei de vós pescadores de homens”, Marcos 1,17), o termo “doravante” reforça a ideia de Lucas do “hoje” da salvação (FITZMYER, 1987, p. 483).

⁴ Os três aparecerão juntos em 8,51 e 9,28. Pedro e João aparecem em Lucas 22,8; At 3,1.3-4.11; 4,13.19; 8,14.

⁵ Lucas mostra reação semelhante em 1,13.30; 2,10; 8,50; 12,32; Atos 18,9; 27,24.

3 A pesca milagrosa entendida a partir da Palavra de Deus

3.1 A adaptação lucana: a Palavra de Deus como tema central que permeia a narrativa

Já dissemos que, comumente, esta passagem é interpretada tendo como chave de leitura o poder de Jesus conferido à Igreja, representada por Pedro e por sua barca, como sugerem as leituras dos Padres da Igreja. Ou então, a promessa final é vislumbrada no panorama do chamado missionário de cada cristão, que também é chamado a ser pescador de homens. Entretanto, a adaptação lucana ao relato mais antigo permite outras abordagens.

O relato sinótico de Marcos (Marcos 1,16-20) apresenta o texto de maneira bastante sucinta, característica típica do autor. O foco principal parece que não está necessariamente na adesão imediata dos chamados, ainda que esta seja indicada no texto. Marcos é o Evangelho do seguimento, o que parece ser o tema principal desenvolvido no relato, o qual omite o termo “palavra” (*lógos*) e acontece enquanto Jesus caminha junto ao mar, e não em contexto miraculoso. Mateus (Mateus 4,18-22) segue o texto marcano. A narrativa ressalta a pronta obediência dos primeiros discípulos, que não oferecem nenhum obstáculo ao chamado de Jesus e deixam tudo para segui-lo (Mateus 4,20).

Lucas faz significativas adaptações e acréscimos no relato da pesca milagrosa, favorecendo sua concepção teológica e respeitando o contexto narrativo por ele construído. Nesta narrativa, a Palavra de Deus proclamada por Jesus pode ser vista como um tema central, que permeia toda a narrativa e como que dirige o relato.

Esta ideia é confirmada por Fabris e Maggioni (1992, p. 63), que defendem que os três momentos do relato estão ligados pela *Palavra* de Jesus. “No começo, ele anuncia a ‘palavra de Deus’ ao povo que se aglomera à margem; é por causa da

palavra de Jesus que Pedro lança as redes ao largo, e é ainda por causa de sua palavra que ele deixa tudo e, com os companheiros, põe-se a segui-lo” (FABRIS, 1992, p. 63). Grasso (1999, p. 158) é da mesma opinião, dizendo que o fio condutor do relato é o tema da Palavra, que convoca a multidão e realiza-se na pesca milagrosa e no chamado dos discípulos.

Esta reflexão é bastante significativa. Somente Lucas preocupa-se em montar um cenário em que Jesus ensina o povo todo reunido e depois dirige uma palavra de ordem clara aos discípulos. O contexto literário reforça esta ideia, Jesus já havia proclamado a Palavra de Deus na sinagoga de Nazaré, a qual lhe conferia caráter messiânico. Esta Palavra gerava sinais pelas curas que ocorriam na Galileia.

Lucas caracteriza a pregação de Jesus como sendo “a Palavra de Deus” (*ho lógos toû Theoû*, v. 1), expressão que evoca um campo semântico mais amplo. No Antigo Testamento, por exemplo, a Palavra de Deus é amplamente utilizada no relato sacerdotal da criação (Gênesis 1,1–2,4a). O cenário primitivo é apresentado como um caos sem forma e vazio, dominado pelas trevas que cobriam o abismo (Gênesis 1,2). O Espírito de Deus “agitava” as águas, em atitude de geração de vida⁶ (Gênesis 1,3), identificando a presença de Deus, que é soberana, está acima do mar (o mar nas religiões mais arcaicas muitas vezes é associado com a fonte do mal).

O narrador quebra este silêncio vazio, com a expressão que utilizará ao todo por dez vezes no relato: “E disse Deus” (*wayyomer Elohim*, Gênesis 1,3). A primeira ordem é para que a luz exista: “Haja luz!” (*yehi ’or*). A resposta é imediata: “E houve luz” (*wayehi-’or*). Este relato manifesta a força que a Palavra que vem de Deus ganha na semântica hebraica: ela é Palavra viva, que existe e, somente pelo fato de existir, manifesta sua eficácia. A Palavra criadora, que estava no início com Deus, também era Deus (Jo 1,1) e então se encarna e habita entre os homens (João 1,14), em Jesus.

⁶ Perde-se no português a força do termo *m’rahefet*, usualmente traduzido como “agitar”, mas com um campo semântico mais amplo. Pode traduzir como o ato de “chocar”, “fecundar”, ou seja, fornecer todo o cuidado basilar, necessário para que a vida se manifeste.

Essa realidade é expressa na Carta aos Hebreus, escrita com traços tipicamente judaicos, quando diz que:

a Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, juntas e medulas. Ela julga as disposições e as intenções do coração. E não há criatura oculta à sua presença. Tudo está nu e descoberto aos olhos daquele a quem devemos prestar contas (Hebreus 4,12-13).

O autor dá a força da Palavra ao adjetivá-la: ela é Palavra eficaz (*energes*) que, a partir de sua ação (julgar) é identificada com aquele que origina a ação (aquele a quem devemos prestar contas). Aqui, a Palavra é identificada com Deus.

Lucas certamente tem em mente todo esse pano de fundo quando relata, por exemplo, os Atos dos Apóstolos. Tanto, que a “Palavra de Deus” será a expressão mais frequentemente usada na tradição eclesial para designar a proclamação dos discípulos, com poucas variantes literárias (SPINETOLI, 1982, p. 203)⁷. Segundo Fitzmyer, o termo *lógos*, usado por Lucas em Atos, equivale ao querigma cristão, como Palavra cheia de poder e que age com poder, unindo a pregação dos apóstolos à pregação de Jesus (FITZMYER, 1986, p. 232-233), sendo o lugar onde Deus se manifesta fora de si mesmo como misericordioso e vivo (BOVON, 1995, p. 330).

Em Atos, as comunidades são construídas ao redor da Palavra. A Palavra de Deus é fonte de conversão, base para toda a comunidade. A proclamação da Palavra leva os homens a abraçarem a fé (Atos 4,4). Entretanto, não é somente eficaz; Lucas diz que “a palavra de Deus crescia” (Atos 6,7; 12,24; 19,20), se multiplicava (Atos 12,24) e se firmava poderosamente (19,20), porque é viva e dinâmica por si só.

O capítulo 4 do Evangelho de Lucas fala muito das palavras proferidas por Jesus (4,22.32.36.43-44). O que confere força profética a elas é sua natureza: elas

⁷ Aparecendo como “a palavra do Senhor, “a palavra” ou “a palavra de Deus” em At 4,4.29.31; 6,2.4; 8,4.14.25; 10,36.37.44; 11,1.19; 13,5.7.44.46.48; 15,35.36; 16,6.32; 17,11.13; 18,5.11; 19,10; 28,25.

também são a Palavra de Deus, como é atestado em Lucas 5,1 (BOVON, 1995, p. 330).

A expressão “Palavra de Deus” (*ho lógos tou Theou*) aparece pela primeira vez no texto de Lucas no início do relato da pesca milagrosa⁸: “Certa vez em que a multidão se comprimia ao redor dele para ouvir a palavra de Deus” (v. 1). A expressão *ho lógos tou Theou* certamente pode ser vista como uma marca lucana em todo o Novo Testamento⁹, já que, fora de Lucas, somente é empregada por Marcos uma única vez (7,13), assim como em João (10,35) e Mateus (15,16).

Segundo Fitzmyer (1987, p. 489), o uso do genitivo subjetivo ou genitivo de autor nesta expressão de Lucas, indica que a atividade de proclamar a Palavra de Deus vem do próprio Deus; não é a “palavra que explica sobre Deus” (no caso de ser utilizado o genitivo objetivo), é, de fato, Palavra de Deus, fazendo com que o mensageiro seja identificado com a natureza da mensagem. Jesus é o primeiro pescador de homens, de cujas palavras têm origem divina.

É marcante o fato de que, quando Lucas diz que “a palavra de Deus foi dirigida a João” (3,2), usa o termo *egéneto rhêma Theou*, diferenciando da Palavra de Jesus em dois sentidos: em primeiro lugar, o termo designando “palavra” é *rhêma*; além do mais, o mesmo está no nominativo, indicando que João é o sujeito passivo da ação de Deus.

Jesus, em sua dimensão profética, não é um simples porta-voz da vontade de Deus para a humanidade. Entra em cena um elemento fundamental: sua relação pessoal com o Pai, que transforma sua comunicação. Essa dimensão relacional faz com que ele seja pleno interlocutor, mas também se deixe conhecer plenamente como pessoa, não só como mensagem, a ponto de a mensagem confundir-se com a pessoa de Jesus, não por aproximação ou negação da pessoa e sim, pela coerência e

⁸ Ainda que tenha já sido timidamente mencionada no prólogo (1,2) no formato *ho lógon*.

⁹ Aparecendo em Lucas 5,1; 8,11,21; 11,28; At 4,31; 6,2.7; 8,14; 11,1; 13,5.7.44.46.48; 16,32; 17,13; 18,11.

relação que se estabelece entre o mensageiro e a origem da mensagem. Diante disto, pode-se dizer que:

λόγος e ῥῆμα são por sua vez palavra e ato, enunciado e efeito. Deus não somente reside em sua Palavra, mas também une à comunicação o que a escuta. Jesus é o ouvinte e portador da palavra de Deus e os que escutam Jesus se convertem também em seus ouvintes e portadores (FITZMYER, 1987, p. 330, tradução nossa).

Estes elementos fazem compreender o caráter da palavra que Simão escuta de Jesus, primeiro em sua pregação para a multidão, depois dirigida diretamente a ele: “Faze-te ao largo; lançai vossas redes para a pesca” (*epanágage eis to báthos kai chalásate ta díktya hymôn eis agran*, v. 4). Os verbos no imperativo aoristo ativo indicam a ordem direta a Simão, no singular, sendo que o plural é usado depois para a ação de lançar as redes. Diante desse imperativo, Pedro é chamado a posicionar-se a partir da Palavra, dando uma resposta bastante significativa.

3.2 A resposta à Palavra: de “Chefe” a “Senhor”

Seguindo a linha sinótica, Lucas apresenta Jesus contando uma parábola sobre a Palavra de Deus: a parábola do semeador (Lucas 8,4-8). Em seguida, explicando seu significado (8,9-18), a semente é identificada com a Palavra de Deus (8,11) e o pano de fundo moral é: não é suficiente que a semente seja lançada, é preciso recebê-la com o coração aberto e generoso. Completando este ensinamento, Lucas desloca a passagem sobre os familiares de Jesus para que suceda diretamente a parábola do semeador. A conclusão do relato está no v. 21: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”.

No relato da pesca milagrosa, a dimensão de acolhida também está bastante presente: para ser discípulo de Jesus é preciso ouvir a Palavra de Deus e colocá-la em prática. Neste contexto está a ordem de Jesus para navegarem mais uma vez mar adentro, contra a condição natural da pesca. Jesus exige uma decisão baseada unicamente na fé pessoal de Simão.

Pedro responde ora como pescador, ora como discípulo. Como pescador, não deve nada a um homem que não tem tanto tempo de ofício quanto ele e se ocupa de outra profissão; estão todos cansados da pesca noturna e sabe que durante o dia não é possível conseguir muito êxito. Simão chama Jesus de *epistáta* (“mestre”) e sua resposta (“trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar”) pode ser um indicativo de uma repreensão subentendida. O título dado a Jesus no v. 5, *epistáta*, pode ser traduzido como “mestre”, mas deve ser entendido no sentido de “chefe”, não usado para um mestre de escola, mas para um superior que possua certa autoridade (BOVON, 1995, p. 332-333).

Entretanto, como discípulo, Pedro dá uma resposta de fé clara e profunda. Sua resistência inicial é rapidamente corrigida por sua confissão, acolhendo a Palavra de Deus: Simão assume a ação pedida no plural: “porque mandas, lançarei as redes” (v. 5), o que indica que não poderia desconsiderar a palavra de Jesus, não importa sobre o que se referisse, era digna de nota e obediência. Aqui, a tradução da Bíblia de Jerusalém não traduz o texto grego de maneira literal. A expressão “*epi de toi rhématí*” (v. 5) é melhor traduzida como “por causa de tua palavra”. Nota-se que Lucas utiliza o termo *rhêma* e não *lógos*, uma vez que o reconhecimento de Jesus como Senhor somente se dá a partir da pesca milagrosa. Isso não diminui a força da Palavra como o motivo da obediência do pescador, ainda que não se compreendesse com profundidade a capacidade performativa da Palavra que havia sido proclamada por Jesus.

Conhecer um pouco sobre a rotina pesqueira no Lago da Galileia contribui para entender a força do milagre experimentada como resposta à obediência dos discípulos. Simão e seus companheiros certamente estavam acostumados com a rotina de pesca na Galileia. As redes eram organizadas de forma a cercar os peixes, encerrá-los e movê-los para vários lados, o que só pode ser feito por mais de uma barca, sendo que a operação mais difícil é recolher as redes das águas (BOVON,

1995, p. 333). Uma operação mal executada certamente comprometeria ou a rede ou os peixes.

A partir daí, entendem-se dois aspectos levantados pela passagem. Primeiro, as redes começavam a romper-se (v. 6) tamanha a quantidade de peixes capturados, o que gerou uma consequência importante: foi necessário fazerem sinais para os pescadores de outra barca para virem apoiá-los. Não era possível emitir sons, uma vez que os peixes escutavam ou percebiam os ruídos suspeitos; corria-se o risco de perder parte da pesca¹⁰. Pedro e seus companheiros eram experimentados na lida da pesca, então compreendem que precisavam da ajuda dos seus sócios. A Palavra de Deus, a partir da resposta da fé, cumpre assim uma função integradora, que forma comunidades.

Outro aspecto importante emerge destes versículos: somente Simão e seus companheiros se dão conta de que a pesca havia sido excepcional e de que as redes podiam romper-se. Eles haviam escutado a Palavra de Jesus e a obedeceram. Grasso (1999, p. 159) indica que o poder da Palavra de Jesus é o que gera a pesca abundante e é o ponto de partida para o diálogo com Pedro.

Quando Simão vê (*idon*, v. 8) a pesca milagrosa ocorrida, apresenta uma primeira reação não verbal: lança-se aos pés (*prosépesen toîs gónasin*, v. 8) do “chefe” (v. 8), confessando seus pecados diante da grandeza que havia encontrado em Jesus. O pescador também reage verbalmente: proclama Jesus como Senhor. “Simão, com o acréscimo singular do apelido ‘Pedro’, reconhece, no “Mestre” que deu aquela estranha ordem, o ‘Senhor’ (5,8b)” (FABRIS, 1992, p. 63).

A figura de Pedro é ressaltada na passagem, indicando a natureza da autoridade que será futuramente conferida a Simão: “a liderança verdadeira é aquela que sabe, antes de mais nada, fazer a confissão pública das suas próprias limitações e dos seus pecados (5,8)” (MAZZAROLO, 2004, p. 89). Assim, o

¹⁰ Outros autores, como Plummer (1981, p. 144), indicam que os sócios deveriam estar ainda próximos da margem, portanto, não ouviriam gritos.

reconhecimento de sua condição pobre e pecadora é seguido pela proclamação de Jesus como Senhor (*Kýrios*), indicando sua majestade.

Ao identificar Jesus como Senhor, Pedro mantém a distância natural que ressalta sua indignidade, uma vez que a santidade divina ultrapassa infinitamente a capacidade humana (Êxodo 20,19). Assim como nas teofanias do Antigo Testamento (Gênesis 18,27; Isaías 6,5), a manifestação de Deus desperta no homem seu estado de pecador.

É notável que Pedro tenha tido tamanha reação diante do feito milagroso de Jesus. Outros milagres já haviam ocorrido segundo Lucas: a cura de um endemoninhado (4,31-37), a cura da sogra do próprio Pedro (4,38-39) e diversas outras curas ligadas a demônios (4,40-41). Entretanto, é a primeira vez que Jesus se coloca como Senhor até das coisas naturais, realizando um feito notável a partir daquilo que Pedro conhecia tão bem. Exatamente por estar profundamente familiarizado com a pesca, Pedro sabia a força que era expressa a partir daquela grande quantidade de peixes sendo capturados pela manhã. Lucas reforça esta ideia indicando também a reação dos pescadores: todos são apoderados por espanto diante da pesca que havia ocorrido (v. 11).

Os pescadores em Israel eram os homens atentos a tudo na natureza. Precisavam conhecer como a natureza dispunha seus bens e estabelecia seus ciclos. Só observando as estrelas, o comportamento do mar, a água, a lua, os ventos, os lugares, as estações do ano, seriam capazes de acompanhar os cardumes de peixes para alimentar todo o povo, construindo seu jeito próprio de se debruçar nas incertezas do mar na escuridão da noite seguindo indícios e buscando sinais (MIRANDA, 2004, p. 152). O coração de Pedro, sensível aos sinais, atesta sua resposta cheia de fé à Palavra de Deus ao lançar-se ao mar. Como consequência, abre espaço para a ação da Palavra eficaz, que o faz mudar sua forma de enxergar Jesus: de “mestre”, passa a “Senhor”. Esse é só o início da ação da Palavra.

3.3 A Palavra eficaz: de pescador de peixes a pescador de homens

Uma vez encontrando solo fértil, a Palavra de Deus pode atuar livremente. Assim acontece com Pedro que, como resposta à sua obediência vê a pesca milagrosa e também escuta uma promessa vinda do próprio Jesus. Em Marcos, ela é colocada na forma de um chamado coletivo: “vinde em meu seguimento e eu farei de vós pescadores de homens” (Marcos 1,17). Entretanto, Lucas insere o texto em forma de promessa e o personaliza: “*Doravante, serás pescador de homens*” (v. 10, grifo nosso)¹¹. Segundo Lucas, Pedro seria pescador de homens “vivos” (*zogrôn*, v. 10), no sentido de devolver a eles a vida, reanimá-los. Essa expressão, segundo Barreiro, significa:

[,,] ‘pegar vivos ou para a vida’ os homens, assim como eles mesmos foram colhidos-escolhidos. A palavra de Jesus, em cuja força apoiado Pedro lançara as redes ao mar em pleno dia, agora, com o mesmo poder, muda radicalmente a vida de Pedro ao dar-lhe como missão ‘capturar homens para a vida’ no seguimento de Jesus (BARREIRO, 2002, p. 97).

Kodell ressalta o caráter central da Palavra na perícopé, dizendo que a expressão *ho lógos toû Theoû* “no início do episódio assinala que o chamamento dos pescadores e a resposta deles é ocasião para a proclamação efetiva da palavra de Deus” (KODELL, 2001, p. 81). Da mesma forma que Jesus havia lançado as redes sobre a multidão e sobre Pedro e do mesmo modo que as redes foram lançadas na parte mais profunda do mar, é preciso que a Palavra de Deus seja lançada no mundo todo. A Palavra suscita então uma vida nova, dando a consciência do pecado, das próprias limitações e ressoa interiormente como chamado à evangelização. Essa Palavra aglomera as multidões, mas tem um valor profundamente pessoal.

¹¹ Segundo Bovon (1995, p. 335), esta promessa pode ser considerada como um *midrash* ou um desenvolvimento da sentença.

Lucas faz perceber como a missão de Jesus é proclamar a Palavra de Deus, que se transfere aos discípulos quando a acolhem, para que sejam testemunhas (“testemunhas oculares e ministros da Palavra”, Lucas 1,2) e a difundam “em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (Atos 1,8).

Para isso, Jesus mantém a imagem da profissão secular dos convocados: ele constrói uma nova sociedade, mas alicerçando-se sobre a antiga. A pesca milagrosa coroa os sinais que Jesus havia feito: Jesus liberta os locais onde Pedro estava acostumado a frequentar (a sinagoga, o mar, sua casa). Assim feito, é separado desta realidade para ser pescador de homens.

Reforçando a eficácia da Palavra de Deus, o v. 11 diz que os pescadores deixaram tudo¹². Inclusive a pesca mais milagrosa de suas vidas.

3.4 Os ecos da Palavra: a segunda geração cristã

A teologia de Lucas permite conhecer algo sobre as dificuldades experimentadas pela segunda geração cristã, quando Pedro e os outros onze apóstolos, além de Paulo, já haviam morrido e novos líderes levavam adiante o plano da Igreja de Cristo. Não foi um momento fácil, uma vez que muitos falsos pregadores surgiram no meio dos cristãos, ou ainda pessoas que interpretavam mal a proposta de Cristo ou oportunizaram a Igreja para colocar em prática ideias deturpadas sobre o cristianismo.

Alguns autores tentam defender uma relação entre os escritos da segunda geração e o gnosticismo, ora influenciados por esta corrente de pensamento, ora lutando contra ela. Fitzmyer aponta que há grande inconsistência sobre o tema. Em primeiro lugar, não se sabe até que ponto de fato o gnosticismo existiu no primeiro século; em segundo lugar, a tentativa de associar certas afirmações de Lucas ao

¹² Lucas utiliza esta radicalidade no seguimento também em 9,62; 12,33; 14,26-33.

gnosticismo não apresenta nenhuma consistência e permanece no campo da especulação (FITZMYER, 1986, p. 34).

Segundo Brown, a cadência impressa no conjunto de Lucas-Atos sugere um esforço do autor para apresentar e aprofundar o *status quo* do cristianismo. “Hipótese mais plausível é de que o escrito lucano poderia ajudar os leitores/ouvintes cristãos em sua *autocompreensão*, especialmente quando calúnias circulavam entre os descrentes, sejam judeus, sejam gentios” (BROWN, 2004, p. 383, grifo do autor). Nos três estágios da história da salvação, o Evangelho vem depois da Lei e dos Profetas, porque Jesus é leal a Israel. A Igreja, apresentada em Atos, seria o terceiro estágio desse projeto salvífico, “porque o Espírito que vem depois da partida de Jesus transforma o ministério dos apóstolos na legítima continuação da proclamação de Jesus sobre o reino” (BROWN, 2004, p. 384).

A realidade apresentada é semelhante à das cartas pastorais, que também encontram um cristianismo ou desvinculado das tradições dos apóstolos diante das barreiras geográficas ou, então, amparado por líderes com uma conversão pela metade ou, ainda, pela influência das correntes gnósticas que se infiltraram profundamente no cristianismo do segundo tempo.

As advertências contra os falsos pregadores e os desordeiros merecem destaque por ser um tema tratado no *corpus paulinum* (2Coríntios 11,13; 11,26; 12,20; Gálatas 2,4; 2Tessalonicenses 3,7; 1Timóteo 1,7; 2Timóteo 4,3). Paulo adverte contra aqueles que pregam um Evangelho diferente do que o que foi acolhido pelas comunidades (2Coríntios 11,4), dizendo que, mesmo se fosse um anjo do céu, deveria ser considerado anátema (Gálatas 1,8-9). João também adverte contra os anticristos, dizendo que já se apresentaram no meio da comunidade (1João 2,18) e que pregam coisas contrárias ao ensinamento de e sobre Jesus Cristo (1João 2,22; 2João 1,7). A segunda carta de Pedro pede atenção contra os falsos profetas que introduzirão na pregação ensinamentos danosos, chegando a rejeitar Jesus Cristo (2Pedro 2,1).

Neste contexto, o chamado dos apóstolos no Evangelho de Lucas apresenta uma teologia importante, que está em plena harmonia com o texto no todo: os apóstolos são chamados a dar continuidade à missão de Jesus. Estão ligados a ele, sendo que Pedro ocupava o papel principal. Os Doze são o fundamento pelo qual o Espírito cria para a Igreja os ministérios de que necessita. “Por isso, é importante aceitar a palavra de Jesus, transmitida pelos apóstolos sob o impulso do Espírito, já que ela é a que faz nascer e crescer a Igreja” (MONASTÉRIO; CARMONA, 2000, p. 340).

Assim, Lucas cumpre seu objetivo de mostrar onde os homens se encaixam na história da salvação, iniciada e continuada por Jesus, sob a ação do Espírito Santo: eles são anunciadores do Evangelho de Jesus Cristo, centro de toda a história, sendo somente por ele que a salvação é operada aos homens (At 2,36; 4,10) (MORRIS, 2011, p. 34).

A Palavra de Deus ocupa então um papel central nessa teologia: é pela pregação que o nome de Jesus é conhecido e nos tempos que os apóstolos já não estiverem com eles, “os responsáveis pela Igreja deverão deixar-se inundar e transformar pela Palavra para poder vigiar e discernir (At 20,32)” (MONASTÉRIO; CARMONA, 2000, p. 341).

Diante do perigo das heresias e dos sincretismos¹³, Lucas apresenta a origem da verdadeira Igreja: o chamado é feito por Cristo, aos apóstolos. E seguem aqueles que obedecem à sua Palavra e não se desviam dela. A multidão, que estava reunida diante de Jesus antes da pesca milagrosa, não é identificada por Lucas. Para ele, basta saber que estão congregados em torno da Palavra de Deus e, assim, formam a comunidade de Jesus (ERNST, 1985, p. 253). Schürmann (1998, p. 267) diz que, para Lucas, a multidão é o correlativo eclesiológico do Messias portador da Palavra de Deus.

¹³ Fitzmyer (1986, p. 111) aponta que os destinatários da obra lucana não eram cristãos vindos do paganismo que viviam em ambiente judaico e sim cristãos do paganismo que se encontravam em meio eminentemente pagão.

A segunda geração cristã possui, portanto, um papel fundamental, o de conservar a história sobre Jesus, sendo fiéis à Palavra, continuando o plano de salvação iniciado pelo Mestre e sendo como a primeira geração, a que foi testemunha ocular de Jesus, mas também designados como “ministros da Palavra” (Lucas 1,2).

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar a perícopa de Lucas 5,1-11, com enfoque na Palavra de Deus, proclamada em Jesus e por ele. O estudo das características literárias próprias de Lucas indica o uso especial da expressão “Palavra de Deus” nesta passagem, em contraste com a “palavra” dirigida a João Batista (Lucas 3,2), ou a “palavra de Jesus” citada por Pedro antes do reconhecimento de seu senhorio a partir da pesca milagrosa, ambas identificadas pela palavra *rhêma* e não *lógos*. O contexto narrativo também favorece essa hipótese, uma vez que a proclamação do Reino já havia acontecido por meio das curas e milagres e, desde o capítulo 4, Jesus é cada vez mais identificado como o pregador itinerante que leva a Palavra às multidões. Os sinais e a Palavra fazem parte do reconhecimento do messianismo de Jesus.

Também em nível teológico, a centralidade da Palavra é favorecida. Primeiro, Jesus prega a Palavra de Deus, mas ao mesmo tempo que é mensageiro, é também mensagem: ele é a Palavra, como foi indicado a partir da compreensão judaica do termo. Essa Palavra pede a resposta de Simão, que oferece a obediência da fé. O resultado é a ação efetiva da Palavra de Deus na vida do fiel: “Doravante serás pescador de homens” (v. 10). Jesus usa o substrato do pescador e eleva sua profissão a uma missão, infinitamente superior àquilo que o pescador da Galileia poderia imaginar. Aqui, é possível identificar muito bem a teologia de Lucas, que faz significativas alterações no material marcano e usa de fontes próprias para construir o relato da pesca milagrosa: para ele a história da salvação tem uma

dimensão universal, quer chegar a todo o mundo, mas partindo da experiência dos Doze com a Palavra de Jesus. É a Palavra, em Atos, que é fonte de unidade, alimento dos primeiros cristãos.

Diante disso, pode-se afirmar a centralidade que a Palavra de Deus ocupa em Lucas 5,1-11, funcionando como o tema central que guia toda a narrativa, o *leitmotif* do relato. É a partir da Palavra que tudo é desenvolvido, ela dá a cadência de toda a trama e a significação teológica para os acontecimentos.

REFERÊNCIAS

BERGER, K. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.

BARREIRO, A. **Do Jordão a Betânia**: contemplando os mistérios da vida pública de Jesus. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BÍBLIA (A): tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. 7. ed. São Paulo: CNBB, 2008.

BOVON, F. **El Evangelio según San Lucas I (Lc 1,1–9,50)**. Salamanca: Sígueme, 1995.

BROWN, R. E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.

ERNST, J. **Il Vangelo secondo Luca**. Brescia: Morcelliana, 1985.

FABRIS, R. O evangelho de Lucas. In: FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos (II)**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 9-248.

FITZMYER, J. A. **El Evangelio según Lucas: I**. Introducción general. Madrid: Cristiandade, 1986.

FITZMYER, J. A. **El Evangelio según Lucas: II**. Traducción y comentario capítulos 1–8,21. Madrid: Cristiandad, 1987.

GRASSO, S. **Introduzione al Vangelo di Luca**. Roma: Borla, 1999.

KODELL, J. Lucas. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. **Comentário bíblico**. Vol. 3. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

MAZZAROLO, I. **Lucas: a antropologia da salvação**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.

MCKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1994.

MIRANDA, M. **Animais interiores: nadadores e rastejantes**. São Paulo: Loyola, 2004.

MONASTÉRIO, R. A.; CARMONA, A. R. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos**. 3. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

MORRIS, L. **Lucas: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

PLUMMER, A. **A critical and exegetical commentary on the Gospel according to S. Luke**. 5. ed. Edinburgh: T & T Clark, 1981.

SCHÜRMAN, H. **Il Vangelo di Luca (Lc 1,1-9,50; 9,51-11,54)**. Brescia: Paideia, 1998.

SPINETOLI, O. **Luca: il vangelo dei poveri**. Assisi Cittadella, 1982.

STÖGER, A. **O Evangelho segundo Lucas**. Petrópolis: Vozes, 1984.

STUHLMUELLER, C. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1975.

WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

YOUNGBLOOD, R. F. (Ed.). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004